

Breve história de passado e futuro

AGOSTINHO DA SILVA

*Ao Real Gabinete Português de Leitura
que, pelo seu acervo, tão bem
documenta o trabalho de Portugal em
Terra e no Mar e que, pelo seu
espírito e pela sua presença no Brasil,
tanto poderá ajudar o que falta fazer
e jamais terá fim.*

Talvez pouco ou nada se saiba da máquina interna da História para que nos abalancemos a julgar de bons ou de ruins os fatos do passado. Tal seria como se supuséssemos que são os movimentos dos ponteiros de um relógio o que faz que rolem umas sobre outras as rodas de sua engenharia. Mas ainda porei, apesar de toda a prudência, que talvez os começos de Portugal não tivessem sido os mais favoráveis, sempre, no entanto, com a precaução de supor que talvez os maus princípios venham despertar energias ou acentuem as que, existentes, porventura não apareceriam de outro modo. Pena foi, contudo, e teima em me acudir este pensamento, que o Apóstolo Santiago tivesse ficado geográfica e politicamente separado de apaniguados ou súbditos que tão longe no tempo e no espaço lhe dourariam o nome: e que talvez o rio que se pôs de fronteira e a escolha que se fez, na crise do século XIV, de São Jorge como padroeiro dos exércitos, não tivesse deixado que o Apóstolo, além de tudo construtor da Europa por suas peregrinações, embarcasse com os portugueses em suas caravelas e naus; mas, enfim, o Templo e o pensamento de São Bernardo a Portugal recolhidos pela decisão de Dom Dinis, o representaram com dignidade e proveito. Não deixa isto esquecer, apesar de tudo, que Portugal mais completo seria se tivesse arrancado do Cantábrico, com todas as suas bravezas de Atlântico Norte, e o fosse domando ao longo da costa com

humildade e ternura, até o deixar mesmo todo outro num Algarve já bem mediterrâneo. E se, politicamente, seria absurdo todo o pensamento de querer realizar depois o que de início se perdeu, nada impede que os dois aspectos, tão similares, que da cultura da Galécia romana brotaram e se desenvolveram, cada uma com suas circunstâncias, não venham algum dia a entender-se e por aí a restituir-se mutuamente o brilho que um simples incidente — e incidente, se não deliberado propósito da força que à História move — durante algum tempo o pode ter empanado. Seja como for, os que se decidiram pelo Sul praticaram um feito único na época e que para diante perdurou, tão de relevo ele mesmo na própria Península. Como que inventaram e foram construindo uma Nação, tão inexistente até aí que até nome tiveram que lhe criar, ao passo que à Galiza apenas ficou um derivado do latino Galecia, e afinal toda a Espanha veio a adotar como próprio o que lhe davam os de fora, já que os Espanhois da Catalunha ou da Andaluzia ou de Castela ou de Leão, só bastante tarde aceitaram o nome superiormente decidido. E lentamente, mas não sem pressa, a golpes de batalha e de entendimento, por meio do ferro com decisão brandido e do foral com jurídica e fraterna habilidade negociado, a Nação se fez — e, com a ocupação total da costa num limite meridional, se considerou como unidade perfeita, sem anulação do vário, e, com Dom Dinis, afirmou plena a sua individualidade, se protegendo por oriente com um seguimento de fortalezas nos pontos mais vulneráveis, se defendendo a oeste com os verdes pinhos que de sua poesia passavam a viventes, reais seres, numa terra que, sendo verdadeiramente, como lhe chamaria o poeta ultra-romântico, jardim da Europa, lhe poderia ser também cais de partida para aventuras de mar; foi esse país, só parcialmente, a centro, lusitano, o de um perfeito comunitarismo econômico, agrário, pastoril, florestas e marítimo; de um regime político em que o soberano, que sempre tinha de ser reconhecido ou confirmado pelas Cortes, era o indispensável coordenador de repúblicas municipais o mais autárquicas que era possível, nunca qualquer espécie de imperador ou rei absoluto como tantas vezes tentou ou conseguiu depois; e comunidade política cujo povo tomou como religião não a previsibilidade de Roma tantas vezes tentada pela eficiência da disciplina, mas a plena liberdade, o imprevisível, de, na Divina Trindade, tomar como seu Senhor de Culto, sempre com todo o respeito pelo Pai e pelo Filho, a Pomba do Espírito Santo que ao imprevisível denotava e a cujo vôo podia sempre acompanhar por seu nativo gênio para o improvisto.



O que sucedeu, em seguida a ter construído uma Nação que foi a única de fronteiras fixas que pôde contar a Europa em toda a sua evolução posterior e que marcará sempre a sua individualidade, e até mais do que isso, em qualquer Europa que ascendesse a comunidade, foi que era impossível travar a

marcha de expansão e possível absorção que caracteriza toda a história do Império Romano. A época de suspensão do movimento a que se chama Idade Média, e a que convirá chamar Primeira Idade Média quando vier aí a nova que já se desenha, terminava, pelo século XV, a assimilação das várias espécies de bárbaros que ao Império tinham invadido e em boa parte assolado, e estava-se portanto pronto a continuar no Cumprimento do encomendado pelos Fados. Já não seriam, porém, as estradas, como outrora, as estradas que os romanos tinham inventado para além dos gregos, demasiado ocupados com o geral para cuidarem do particular, nem as pontes com que vadeavam os rios, que o Império, ou a Nova Europa, como se lhe queira chamar, se poderia expandir. O que havia a vencer agora era o Mar. Então o que até aí fôra o jardim se revelou cais, o cais que talvez por poética intuição já se esperava. Foram perfeitos na tarefa os portugueses, como já perfeitos tinham sido dando para todo o mundo modelo de Nação, construindo seus navios próprios para cada caso, podendo conduzi-los sem falha, com vento contra ou com vento a favor, sabendo, sempre onde tinham estado e marcando em cartografia quanto possível exata o que tinham visto e o que tinham percorrido, assegurando no final que o mundo era um arquipélago, o que não se sabia ou mal se suspeitava, e atraíndo os homens, até aí tão metidos em terra, a viagens que pareciam loucura e talvez mesmo o fôssem: a novidade, introduzida pelos portugueses como modelo para sempre, era que a loucura agora se realizava por meio da matemática: matemática da construção naval, matemática para as latitudes e as longitudes, e tudo consigo trazendo novas bases para a ciência que, apesar do génio de Aristóteles, em seus enganos se fossilizara, e tudo consigo trazendo também modelo para o que a humanidade tentasse neste sentido, qualquer que fôsse o escolhido campo de ação. E o que os navios portugueses levaram a todos os continentes e a todas as ilhas que jubilosa e pacientemente iam marcando e em tudo deixaram até hoje foi essa Europa que saía da Idade Média e que ao mundo entregava como meio indispensável de progresso, enquanto ele próprio de si o não libertasse, e como meio de comunicação, o mercantilismo capitalista que dava a possibilidade de avanço no que respeita à economia, o direito romano para que houvesse normas de convivência possível, embora, pela adopção de tais códigos, alguma pedra viesse a pesar no túmulo de Cristo — mas não vai ficar Ele eternamente crucificado e sepultado —, e embora as sementes de imperialismo viessem a dar, no fim desta inteira e perfeita definição do Mar, como perfeita fôra, pelos mesmos portugueses, a definição de Terra, tudo o que foi a tragédia da colonização e, quase sempre, a do movimento contrário. A qual colonização, corridos os tempos, arrastou Portugal, por alguma submissão a modelos estrangeiros, a uma imitação que não era nada de seu génio. No melhor do percurso, a colonização portuguesa, e por isso, como o notou um historiador africano, foi ela

a única que criou culturas populares, tinha sido, ela, inteira filha da que marcou a Grécia. Os portugueses que já se não sentiam bem na sua Pátria, em que desaparecera, por infecção da Europa, o comunitarismo económico, a liberdade dos municípios, e em que Roma impusera, perigosamente para si própria, mas em defesa contra ataques de fora, todas as consequências do pacto com Constantino, dela saíam, sempre roídos de saudade, toda a saudade que, mergulhado no plural, sente o homem do Uno, para tentar, fôsse qual fôsse a região do mundo, estabelecer com outros povos aquele Portugal a que não queriam renunciar e que tão inteiramente cumpriram nas terras do Brasil, modelo do que vier a dar-se na ecúmena do que deve ser a junção da humanidade, até há bem pouco tão acantoadas em seus redutos de Europa, Ásia ou África, no ideal patriotismo de todo o globo habitado, por gente ou outras vidas, sem o qual será a paz nada mais que um longínquo ideal. Na multiplicação de corpos em que Portugal como que replicou ao milagre da multiplicação dos pães, tendo ainda acenado com Camões ou Vieira ou Pessoa, ao milagre, igualmente possível, da multiplicação dos espíritos em cada homem que nasce, vejo eu o Brasil como perfeito modelo do futuro, com o Portugal da Península como indispensável ponto de apoio, daquele futuro em que uma cultura total abranja a infinita variedade de origens e caracteres. Afinal em simetria, a Ocidente, com o que, sobre o Pacífico, realizou a China ao longo de tanto século, essa China sempre mais Cultura que Nação ou Estado: dando assim a idéia de que talvez em dia não muito distante, sejam Brasil e China os dois humanos polos do mundo, em bem vinda substituição dos agora geográficos, gelados polos do ártico e do antártico. Em resumo, poderíamos dizer que Portugal começou por domar a Terra e, depois, lhe deu de presente um Mar que igualmente domou em seus quinhentos anos de expansão.

* * *

E será que, tendo dado modelo de quadro a tudo que é real, nada mais haverá que tente? Será que pode desaparecer tal Nação, agora tão espalhada pelo mundo e que, pelo milagre referido, a que arrastou, ensinando-a a navegar, a vizinha Espanha, corpos tão vários com tão diferentes culturas, com tão diversas psicologias colocou de costa a costa? Que nada mais há a fazer? Longe disso, ao que penso e ao que tem de continuar real no mundo, embora sempre o ideal se lhe mantenha como motor. E Camões o pôs claro no seu Poema. Depois de contar como Portugal se formou e se estabeleceu Nação na Península e na Europa, o Poeta o embarca, plenamente entregue à sua empresa, pronto a correr todos os riscos, venham de dentro ou de fora, inclusive aqueles contra os quais o prevenia o Velho do Restelo e que hoje como avisos persistem. Mas, vencidos todos os perigos do percurso e sabendo manter durante ele não só o heroísmo do marujo e do guerreiro, mas também a curiosidade e a reflexão e a pergunta do sábio, e a auto-ironia de que jamais se deve-

ria desprender o homem, e até a piedade, a compreensão perante castigados monstros como o Adamastor, abordam os marinheiros do Gama à Ilha dos Amores, terra, se terra lhe podemos chamar ainda, a um tempo divina e humana, não por acertada pilotagem e de que possa haver cartografia, mas porque tal estava no destino das coisas, porque se tratava aí não de vencer a Vida, tarefa sempre difícil, perigosa e sacrílega até para quem à Vida ama — já que ser vencido da Vida só a portugueses desanimados pôde nalgum dia ocorrer — mas de vencer com a Vida, de se deixar, em inteira, mas não passiva disponibilidade, se levar por ela, para atingir, não perdendo nenhuma das suas características humanas, aquelas que marcam o existir na eternidade, num curioso e frutuoso rememorar e renovar da doutrina de Joaquim de Flora, que tanta influência tivera no medieval culto do Espírito Santo e que tanto se revela na mística da ação que é a própria de Portugal, aquela idéia joaquimita de conceber a Trindade como existindo em simultâneo na Eternidade, em que todas as suas Pessoas são naturalmente coetâneas e no Tempo em que há intervalos entre uma e outra, o mesmo sucedendo com o homem, à imagem de Deus criado e se devendo desenvolver, também, coerentemente podendo ter existência no eterno e no temporal, aí ligados, no Palco da História, o Deus e o Homem. Os companheiros do Gama não perdem na Ilha qualidade alguma das que caracterizam o homem, são inteiros como no tempo se vive, mas isso em nada os impede de estarem além do Tempo, por quanto sabem da história do futuro, nem além do Espaço pois que vêem de fora a “máquina do mundo”, sem a qual, globo de fenômenos, não há, nos garantem os físicos, possibilidade de nada que seja espacial. A Nação portuguesa, nessa invenção ou visão de Camões, ensina a toda a humanidade que, tendo conseguido pelos progressos da ciência e de sua consequência, e às vezes desafio, a técnica, e pelo liberal alargamento da organização política, soltar-se o mais possível da escravidão do material, podem alcançar todos os homens, tocados pela Graça de terem nascido, o serem livres Poetas, poetas da ciência ou poetas da arte, ou poetas da mística, Poetas em si próprios ainda mais do que no que criem, inteiramente se escapando dos impedimentos que levantava a imperfeição dos meios com que podiam assegurar sua vida quotidiana. Agora podem eles realizar juntos, e só assim o conseguirão, pois que, se alguém não tiver forças, forças ninguém terá, o que era apenas no Culto do Espírito Santo do Povo português um conjunto de metas puramente ideais, nunca, porém, com o Ideal se confundindo, pois que, se a Eternidade, assim contemplada, é o motor, o Tempo em que se não pode, pelo menos vivo, deixar de existir, ao movimento trava; e como! O ideal de que a imaginação exerça todo o poder e o sinal de que esse deve ser o futuro o deram os portugueses na coroação da Criança que faziam Imperador do Império do Espírito, versão sua do Reino de Deus em que eles bem marcavam a preeminência daquele imprevisível a

que tanto chamamos acaso e que nesta ou naquela expressão se escapa a toda a possibilidade de fórmula matemática, podendo, no entanto, existir o cálculo de manifestações suas; o ideal de que a vida do quotidiano no sustento e amparo do corpo fosse gratuita o assinalou o Povo no banquete, bodo ou boda, que a todo o que passasse gratuitamente se abria; finalmente se apontava ao ideal de que ficasse o homem livre de todas as prisões quando faziam, mais amplamente, o que hoje ainda pratica o Menino Imperador, por exemplo em Salvador da Bahia, quando, já devidamente coroado, bate à porta da cadeia local para que lhe entreguem presos. Atentos nós agora a que as prisões que mais impedem os anseios de um pleno ideal não são as materiais das algemas, dos fechos ou das grades: são as pensadas dos artigos dos códigos, indispensáveis enquanto a humanidade teve e tem que avançar na dura marcha, mas de que algum dia se deverá libertar, quando todas as formas de economia que conhecemos forem arcaicos trastes nem bons para recordar em museus. Portugal, nos seus vários corpos, o da Península Ibérica, o da outra Península Ibérica que é a chamada América Latina, os da África e mesmo o que seja a Oriente quase só memória histórica, e com Portugal a Espanha igualmente em sua multiplicidade, têm de ser, em fraterno entendimento, os pioneiros, os exemplos e os guias da marcha pela estrada de que há tanto se deu o plano para entrada numa vida em que ninguém saberá mais se no eterno ou no tempo, pois que, se repete, na Arte, na Ciência, na Mística, ligada ou não a religiões canônicas, por nenhum dos elementos dominado, mostrando como a contradição era só aparente e como toda a evolução ou revolução, esta sempre falha ou salto — quem o sabe — na evolução, é só o descobrir a olhos humanos do que eternamente está gravado no que à História supera. O que é preciso é, num último esforço, reordenar a terra de que se partiu e todas as que dela nasceram, empregar nele toda a inteligência e todo o saber que já são de patrimônio geral, exatamente, como em Camões, o fazem os portugueses comerciando em Calicute, e esperar depois, numa disponibilidade total, que o Divino dirija a frota e a Ilha surja e haja para todos nós, em lugar dos anseios do Ter, a entrega total, a um tempo consciência e inconsciência, à plenitude do Ser. Como que num acordo e abraço finais do Gama, do Velho e da coroada Criança.